



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14422 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CAIXA DE PERGUNTA: UMA FERRAMENTA PARA ENGAJAMENTO EM EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

Priscila Alexandre Freire - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Luciana Kuhn Nogueira - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CAIXA DE PERGUNTA: UMA FERRAMENTA PARA ENGAJAMENTO EM EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE

Resumo: Perguntas nos ajudam a obter informações valiosas, esclarecer mal-entendidos e desenvolver uma compreensão mais profunda a partir da curiosidade. Em uma escola municipal na cidade de Niterói no Rio de Janeiro, as crianças do 5º ano do Ensino Fundamental I tem a possibilidade de indagar livre e anonimamente sobre sexualidade, considerando os aspectos físico, psicológico e emocional que envolvem o tema. A implementação desta atividade ocorre há 20 anos por iniciativa da professora e diretora-adjunta. Com o objetivo de fornecer informações científicas sobre o corpo e os sentimentos através de uma linguagem adequada à faixa etária, a educadora utiliza a estratégia da caixa de perguntas como forma de implementar a educação em sexualidade nos/dos/com os cotidianos da escola. Associada ao plano de aula de ciências, esta ferramenta educativa permite expandir a abordagem biológica-higienista curricular da sexualidade para a abordagem dos direitos humanos e igualdade de gênero recomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Neste contexto, este artigo apresenta os resultados desta pesquisa-ação estruturada a partir da metodologia nos/dos/com os cotidianos, considerando as dinâmicas sociais presentes na vida dos alunos desta escola pública niteroiense.

Palavras-chave: Educação em sexualidade, Infância, Ferramenta escolar

Como conquistar uma pessoa? Todo mundo tem útero? Por que homens não sentem as mesmas coisas que as meninas? O que é espermatozóide? Por que existem as LGBTQIAP+? Por que as pessoas fazem assédio? Por que existe pedofilia? Qual é a idade ideal para a menstruação? O que é gozo? É normal sair coisa branca da vagina? Qual é a sensação do sexo? Sexo dói? Sexo atrai doenças mortais? Quais?

Estes são alguns exemplos de perguntas cheias de curiosidade escritas anonimamente e colocadas numa caixinha por crianças entre 9 e 11 anos. Tais dúvidas relacionadas à sexualidade foram coletadas por meio de uma caixinha pela professora, pesquisadora e

diretora-adjunta de uma escola pública durante as aulas do 5º ano do Ensino Fundamental I.

Imagem 1: Caixa de perguntas aplicada como ferramenta para educação em sexualidade e um exemplo de questão realizada por um estudante: “como que aparecem os bebes na barriga?” (sic).



Fonte: Acervo pessoal da diretora da escola.

A atividade vem sendo realizada numa escola municipal, cuja localização está em um bairro urbano de classe média alta na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Contando com aproximadamente 500 alunos matriculados, conforme apontou o Censo Escolar 2022, este local de ensino apresenta a modalidade de Ensino Regular abrangendo os anos iniciais do Ensino Fundamental.

O objetivo norteador desta investigação-ação consistiu em prover às crianças informações embasadas em evidências científicas para o conhecimento do seu corpo e dos seus sentimentos, ou seja, educação integral em sexualidade. Definido pela Unesco (2019) como

(...) um processo de ensino e aprendizagem com base em um currículo sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Tem por objetivo transmitir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores a crianças, adolescentes e jovens de forma a fornecer-lhes autonomia para: garantir a própria saúde, bem-estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais de respeito; considerar como suas escolhas afetam o bem-estar próprio e o de outras pessoas; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo de toda a vida.

Ao longo de duas décadas desenvolvendo esta atividade, a pesquisadora/diretora possibilitou que os estudantes tecessem nos/dos/com os cotidianos da escolas conhecimentos e valores sobre sexualidade para propiciar a autonomia, o bem-estar e o respeito pelo próprio corpo, bem como, para o olhar do corpo alheio. Dessa forma, este processo educativo aborda a sexualidade num âmbito integral, ou seja, considerando os aspectos físico, psicológico, emocional e social presentes nos/dos/com os cotidianos desta escola pública.

A sexualidade é um tema que envolve diversos aspectos, tais como bem-estar, identidade, relacionamento, raça e saúde. No entanto, ainda há muitos mitos e tabus em torno desse assunto, o que pode levar a uma compreensão inadequada e distorcida. Alguns equívocos comuns incluem a associação da educação sexual com a erotização precoce e a promiscuidade, o que acaba por estigmatizar e elitizar a discussão sob o ponto de vista natural, ou seja, inerente ao ser humano. Portanto, é importante abordar a sexualidade de forma aberta e acessível, a fim de promover um entendimento mais amplo e saudável.

A sexualidade é parte integrante da personalidade de todos: homem, mulher e criança. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. (...) A sexualidade é muito mais: está na energia que nos motiva a

encontrar o amor, o contato, o calor e a intimidade. É expresso na maneira como sentimos, nos movemos, tocamos e somos tocados. (...) A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, nossa saúde mental e física. (LANGFELDT E PORTER, 1986, n.p.)

A partir dessa definição, podemos desmistificar acepções errôneas e muitas vezes conservadoras sobre a educação em sexualidade. Ao entender que este processo é um aspecto inerente ao ser humano em cada fase da vida, percebe-se a necessidade de abordá-lo com as crianças para a proteção física, desenvolvimento da maturidade emocional, consciência do autocuidado, assimilação do consentimento, entre outros aprendizados intrínsecos à educação em sexualidade.

É válido enfatizar que este tema também requer uma linguagem condizente com o desenvolvimento cognitivo e emocional de cada faixa etária, sobretudo para as crianças, público desta pesquisa, que estão em fase de descobertas e transformações. Contudo, ao mesmo tempo em que há curiosidade, esses estudantes muitas vezes apresentam dificuldades em discutir abertamente questões relacionadas à sexualidade com pessoas do círculo de confiança – como responsáveis, pais e professores –, seja por medo de questionar, timidez de falar, falta de abertura ou limitações dos adultos.

Nos/dos/com os cotidianos das escolas, o ensino desse tema pode ser ainda mais desafiador devido à escassez de recursos educativos, às questões políticas-educacionais e à rara formação dos professores do Ensino Fundamental I em educação em sexualidade. Para enfrentar esse desafio nos/dos/com os cotidianos da escola por nós investigada, propõe-se uma atividade educativa que consiste em uma caixa de perguntas na qual as crianças têm a liberdade de fazer qualquer pergunta de forma anônima e segura. Para contornar as questões que limitam a abordagem sistemática na prática cotidiana, a atividade foi integrada ao conteúdo de reprodução humana no plano de aula de ciências.

As centenas de perguntas coletadas nesta pesquisa demonstram a curiosidade das crianças em saber sobre a sexualidade que faz parte da vida e é essencial para a formação de suas identidades. Segundo a pesquisadora e educadora Jimena Furlani (2009), "a demanda estudantil, a vontade e a necessidade de 'falar do assunto', mostra que temáticas pertencentes à Educação Sexual perpassam as relações pessoais, porque são constituintes dos sujeitos e de suas identidades" (p. 39).

Considerando a criança como sujeito de direito, utiliza-se na atividade da caixa de pergunta a abordagem da educação em sexualidade sob a perspectiva dos direitos humanos e igualdade de gênero recomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em detrimento à abordagem biológica-higienista adotada comumente em livros didáticos em diversas escolas. Isto demonstra a importância de uma abordagem ampla e contextualizada da educação em sexualidade, que transcenda o ensino de aspectos biológicos e aborde as dimensões sociais, culturais e emocionais.

Neste contexto, a escola consiste em um espaço propício para este processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é um ambiente em que as questões socioculturais podem ser discutidas de forma crítica, científica, laica e reflexiva. Quanto a isto, enfatiza-se sobretudo as instituições públicas como espaço educativo de todos e, assim, território de disputa de poder político-educacional. De todo modo, inúmeras iniciativas pontuais de resistência em prol da proteção à criança são realizadas por educadores no intuito de mitigar não só o abuso infantil, como também fortalecer a autoestima e bem-estar das crianças.

METODOLOGIA

Nesta conjuntura, a implementação de um recurso ágil foi uma oportunidade para realizar a pesquisa desta investigação-ação. Este estudo empregou uma abordagem qualitativa de natureza aplicada com objetivo exploratório a partir dos procedimentos de ação da pesquisa nos/dos/com cotidianos.

A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa que envolve a colaboração entre pesquisadores e participantes para resolver problemas práticos em um contexto específico, como afirma Thiollent (2011). Frequentemente usada em pesquisas educacionais, especialmente em escolas, permite que os profissionais da educação interajam ativamente no processo da investigação e desenvolvam soluções para problemas em suas próprias práticas.

Esta escolha metodológica envolve uma cooperação entre as pesquisadoras-professoras e as crianças para identificar e implementar soluções para problemas práticos no contexto da pesquisa. Dessa forma, fundamentou-se um ciclo de etapas: planejamento, ação, observação e reflexão, permitindo que os atores sociais envolvidos direta ou indiretamente aprendessem em conjunto.

Como esta pesquisa está entre a prática e a pesquisa científica, utilizou-se também como referencial epistemológico e metodológico a pesquisa nos/dos/com cotidianos, uma vez que a pesquisadora propôs uma atividade que se inicia a partir da realidade dos alunos.

O que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os praticantes, como as chama Certeau (1994), porque as vê em atos, o tempo todo. Cabe assim a pergunta: por que, falando sobre isso o tempo todo, não me dei conta disso? E porque consigo fazê-lo agora? (ALVES, 2003, p. 6).

Nessa citação, a autora Nilda Alves destaca a importância da abordagem nos/dos/com cotidianos nas escolas como uma forma das professoras conhecerem melhor seus alunos e suas realidades, a fim de trabalharem de forma mais contextualizada e significativa. Através dessa abordagem, as educadoras podem estabelecer um diálogo mais próximo com as crianças e incorporar seus saberes e experiências no processo educacional, promovendo uma educação mais inclusiva e democrática.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Apesar de não ser uma atividade inédita, a caixa de perguntas permanece influenciando positivamente o engajamento dos alunos, auxiliando no processo de construção do conhecimento.

Inicialmente as perguntas eram realizadas em grupos separados por gêneros, porém observou-se que a troca de informações entre meninos e meninas era benéfica para a conscientização das diferenças e, conseqüentemente, o respeito pelo outro.

Ao decorrer dos 20 anos que a pesquisa-ação é realizada com os alunos do 5º ano, notou-se um aumento de perguntas relacionadas ao ato sexual, à redução da timidez e uma antecipação de questões relativas à adolescência.

Todo ano são coletadas dezenas de perguntas. Há algumas crianças que não gostam de participar, de todo modo, são casos bem pontuais em uma turma. Elas são respeitadas na sua escolha e costumam participar da dinâmica de resposta. Algumas mais tímidas, perguntam diretamente à pesquisadora após as aulas. Outras mais curiosas, fazem o mesmo com perguntas ainda mais interessadas.

Além disso, a investigação resultou em objetivos não-planejados alcançados para outros públicos, estendendo o projeto às docentes da escola quando elas despertaram o interesse pelo tema, aos responsáveis quando foram conscientizadas sobre o desenvolvimento em sexualidade das filhas e dos filhos, a outras educadoras da cidade por meio das trocas em eventos e a um órgão municipal quando estabelece parceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da caixa de perguntas durante as aulas de educação em sexualidade facilitou a interação entre a professora e as crianças, possibilitando momentos leves, descontraídos e ao mesmo tempo um ambiente seguro para diálogos e descobertas acerca dos temas de interesse dos estudantes. Esta é uma pesquisa-ação contínua que irá prosseguir. É imprescindível que seja atendida a demanda de saber das crianças, afinal, elas são sujeitos de direitos e não podem ser privadas de informações sobre quem são, quem serão e os limites. Todos estes conteúdos devem ser apresentados a partir de uma linguagem adequada à faixa etária, cognitiva e emocional de cada aluno, respeitando seu contexto sociocultural. Visando à promoção de um ensino de qualidade e inclusivo sobre sexualidade integral, espera-se que outros professores na escola pesquisada, bem como na rede de ensino de todo país, possam adotar práticas de ensino-aprendizagem sobre o corpo, os sentimentos e os relacionamentos sociais para ama(r)zonizar o país e nossas crianças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm Acesso em 03 de dez. 2022.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FURLANI, Jimena. **Encarar o desafio da educação sexual na escola**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. **Sexualidade: cadernos temáticos da diversidade**. Curitiba: SEED/PR, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- ALVES, Nilda. **Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. Teias, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7-8, jan./dez. 2003.
- SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José. **Práticas conservadoras: suas influências nas tessituras identitárias de gêneros e sexualidades**. Revista Periferia. v.9 n.2 jul-dez, 2017.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem**. Brasília: DF, 2014.